

A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 13 DE JANEIRO DE 1856.

N. 6.

PARTE RELIGIOSA.

A RELIGIÃO E A MULHER.

NO ALBUM DA EXM.^a SR.^a D. C. A. D'.A E SILVA.

I.

Uma unica mulher é instrumento bastante e assaz perigoso para fazer a desgraça da humanidade inteira; uma mulher tambem basta para salva-la e resgata-la. Se aquella se compenetra da sua augusta missão, salva-a: se esta se olvidou dos seus deveres torna-a captiva do erro e do peccado.

O homem, ainda que umas vezes estúpido e feroz, outras humano e dedicado, não é capaz de tanto *bem*, nem de tanto *mal*; para este foi preciso ser tentado por aquella; para aquelle, ser ao mesmo tempo de natureza Divina.

E não é isto mera imaginação, mas sim uma verdade incontestavel, exarada em uma das primeiras e mais uteis lições, que nos offerecem as infalliveis paginas da Historia Sagrada.

II.

Já vê pois a mulher, quanto lhe importa, mais que ao mesmo homem, o aperfeiçoamento de seus dotes naturaes: d'esses dotes de dimanação divina, que Deos quiz reflectissem em uma das obras de sua prodigiosa criação: d'esses dotes, em summa, que foram e serão sempre o ornamento unico perfeito da natureza, e o chronometro da sociedade, que tantas vezes tem pago com usura o crime de que se tem tornado cumplice, olvidando o aperfeiçoamento da mulher, que, educada em sãos principios, é a guarda da innocencia, a mestra da primeira infancia, a consolação da familia, a serva fiel de Deos, e por consequencia a pedra angular do edificio social; imagem viva de todas as virtudes, que ninguem será capaz de exerce-las com mais efficacia ou mais perfeição: abandonada, porém, aos desmandos das precarias imperfeições da natureza sem cultura, é a fêra mais hedionda que imaginar-se pôde!...

III.

Nem todas as sociedades, porém, são aptas para darem aos dotes naturaes da mulher o aperfeiçoamento

de que estas são capazes: essa ventura só cabe áquella sociedade, em que a Religião offerece ao culto dos humanos a imagem adorada da mulher mais perfeita.

Sem auxilio d'esse modelo prodigioso não ha perfeição para a mulher, e, ainda menos, liberdade; quer no exercicio de seus direitos communs com o homem, e mais delicadas ainda, quer no exercicio das virtudes de que seu Soberano Author quiz fosse ella o verdadeiro representante entre os viadores.

IV.

Se o homem pois, por leviano, olvidar em algum tempo os preceitos da religião unica, e se deixar arrastar á idolatria, diremos que uma natureza sem costumes domina uma sociedade sem crença legitima; que o espirito emfim se tornou inerte, e a materia activa; é o reinado da sensualidade e a escravidão da intelligencia!...

Mas se virmos a mulher trocar por qualques idolo o culto de Maria Santissima, junto á cruz de seu filho amado, diremos, que a mulher renunciou aos fóros da liberdade e da intelligencia; e se ha convertido apenas em um dos muitos animaes, que Deos creou para dominio absoluto do homem, e com menos garantias ainda que os outros; sem poder fugir nem resistir!

V.

Em uma sociedade, onde se ignora os preceitos do Crucificado, a mulher é escrava e não senhora; o homem só é o leão do deserto, que atroa os bosques e amedronta as fêras; porque a mulher ahi é considerada apenas como uma necessidade da vida, que á semelhança de alimentos só serve a satisfazer appetites do homem; uma tal sociedade tem a mulher na conta d'outro qualquer animal, que lhe fôra preciso para seu uso-fructo! Assim ora lhe agrada, e entra no numero dos objectos mimosos de seus appetites, tendo uma linda mulher a par de uma cópa de superfinos licores e balsamos aromaticos, de uma piscina de peixes, de um viveiro d'aves etc., ora lhe desagrada e tê-la-ha como uma mera escrava para quem não ha prazer nem vontade, e instrumento apenas de abjectas necessidades!

VI.

Por esta bem succinta analyse estará convencida toda a mulher que só a Religião Christã lhe convem, porque é obra do mesmo Creador, que lhe deu a lei, assim como vida e immortalidade ! A mulher pois que se olvida, qualquer que seja o emprego, que occupa na sociedade, de aperfeiçoar suas legítimas faculdades, propugnar pela Religião do Crucificado, tem lavrado a sua propria condemnação e feito a desgraça da humanidade !

VII.

Assim vós, Senhora, que me impuzestes o honroso dever de traduzir nas primeiras paginas de vosso Album o meu fiel pensamento acerca da *Religião e da mulher*, tereis bem cumprido vossa missão, se na ardua tarefa a que vos tendes dedicado, tiverdes em alta conta quanto convém ao vosso estado, e ao vosso futuro: que vossas discipulas sejam religiosas, convencendo-as de que a veneração prestada á belleza do corpo é ephemera, em quanto que á belleza d'alma é eterna. E vós deparareis efficaz auxilio para o bom exito de tão sublime missão, se na escolha das pessoas, que por intermedio de vosso precioso livro vos communicarem seus pensamentos, preferirdes aquellas que nunca percão de vista reunir o util ao agradável, que n'este vos offerecem.

VIII.

E' assim que a Poesia, a Musica, e a Pintura quando sabem elevar além do mero deleite dos sentidos, não são baldos de real utilidade, porque são caracteres da linguagem que melhor eléva aos céos os votos e as graças dos humanos; e armas poderosas para entreter a vida, adoçar os costumes, nutrir a ternura, e augmentar a coragem; e nenhuma creatura deve ser mais terna e mais corajosa que a mulher, que só é digna de taes privilegios quando se torna o symbolo da vigilancia para com os filhos; da fidelidade para com seu esposo; e da mansidão para com toda a sociedade.

E eu espero e confio que n'este vosso thesouro, n'este filho de vossa alma, n'este compendio de maximas salutaes, bem longe de encontrar a perfida e ridicula lisonja, deparareis apenas com que nutrir o pensamento, alegrar o coração e despertar as virtudes, com que Deos dotou a alma de mulher !

CONEGO J. M. DE PAIVA.

PARTE JURIDICA.

FALLENCIAS.

II.

Em qualquer das hypotheses que encaremos a materia da fallencia, para que o legislador seja inteiramente justo cumpre harmonisar os interesses dos credores com a indulgencia, que merece o negociante honesto e probo, que a despeito de seus esforços vio-se obrigado a quebra; indulgencia não só pela equidade, como tambem utilidade do commercio, cuja alma é a mais severa probidade. Cumpre harmonisar os interesses dos credores com a punição, que merece o negociante, que por suas negligencias e faltas accarretou sua ruina e d'alguns outros seus collegas, que n'elle depositaram a mais plena confiança, e cumpre tambem harmonisar os mesmos interesses dos credores com os d'aquelles negociantes, que procedessem com dolo e com fraude.

Dicemos no primeiro artigo, que o maior interesse a attender é o imbolso dos credores; mas cumpre examinar, que a punição do fallido seja exemplar, operando-se no mais breve espaço de tempo, que for possivel. E por ventura acham-se conciliados e harmonisados pela legislação todos estes interesses?

A legislação em vigor tem encontrado na pratica um sem numero de difficuldades invenciveis, de embarassos constantes, que tornam longo e fastidioso o processo da fallencia, e o fazem interminavel. O nossoCodigo Commercial estabelece quatro reuniões de credores, exigindo elle que n'ellas compareção pelo mence a maioria dos credores, representando duas terças partes do valor dos creditos; ora parecendo, que tratando dos interesses dos credores, impoem-lhes a obrigação de acudirem a estas reuniões: entretanto não o fazem, principalmente quando ha apenas um credor maior, o unico importante, e os mais são credores de quantias insignificantes; mas elles estão na letra expressa da lei o interesse de um credor importante, aquelle, que tem todo o ompenho em proseguir nos termos do processo é escarnecido pelos credores, que não esperando nada, pouco se lhes dá com o andamento do processo, e execução da lei; disto fomos muitas vezes testemunha no foro desta corte.

E' do interesse e garantia dos credores a melhor apuração dos bens do fallido, e meios promptos e faceis de administração, são cousas, que o legislador muito deve ter em vista; mas como é isso determinado pela nossa legislação, e quaes os inconvenientes que se tem observado na pratica?

O depositario da casa fallida, o qual é nomeado

pelos credores na primeira reunião, recebe das mãos do fallido sua casa e bens, seu estabelecimento, livros, e mais papeis; o curador fiscal, que é o incumbido de praticar todos aquelles actos e diligencias determinadas no artigo 157 e seguintes do regulamento do Codigo Commercial nem sempre tem toda a somma de vontade e de esforços para vencer as difficuldades, que se apresentam, os bens do fallido ficam em ruina, os credores que são julgados competentes pela lei para delegarem em um delles o deposito da casa fallida, e ordinariamente todos se recusam a acceitar o deposito, os bens se deterioram, e quando vão a apurar-se, não podem dar o lucro, que dariam se por ventura não se dessem tantas formalidades. Temos o exemplo de um processo, em que não houve um credor, que acceitasse o cargo de depositario: repetidas reuniões houve, os bens estavam deteriorando-se, cumpria fazel-os arrematar em praça, como manda a lei: não podia o juiz prescindir d'essas reuniões, marcava-se o dia, faziam-se os convites por carta do escrivão a cada credor, mas chegava o dia, e os credores não compareciam; isto foi frequente quando occupavamos a segunda vara do commercio em annos anteriores.

Não era melhor, como bem pondera o habil escriptor dos artigos do *Diario do Rio*, que, durante a fallencia houvessem duas reuniões de credores, a primeira para a concessão da concordata, e a segunda para a conclusão do processo e quitação do fallido? As repetidas reuniões dos credores como determina a lei, raras vezes se realisam, porque os homens do commercio, occupadissimos como são, perferem perder muitas vezes de seus direitos do que abandonar suas casas, especialmente em vespas de sahidas de paquetes; e muitas vezes para chegarem a casa do juiz, e não ter logar a reunião por virtude da falta do comparecimento de credores taes, que representem o valor de mais de metade da divida. Temos ouvido muitas queixas e clamores do corpo do commercio por esta exigencia da lei; e lamentarem como um verdadeiro mal, e como fonte de muitas difficuldades e prejuizos incalculaveis, que entorpecem o bom andamento do processo das quebras, podendo o legislador sanar tantos males, que a pratica tem demonstrado serem reaes e vexatorios. Alguns advogados acompanhando o jurisconsulto Ferreira Borges no seu Diccionario juridico, tem feito questão a respeito da cessação de pagamentos; dizem elles: todo o Commerciante que cessa seus pagamentos, está em estado de fallencia, todo o ponto de exame, pois, recae sobre o definir esta cessação de pagamentos, achando elles, que um protesto isolado não importa fallencia porque o negociante pode ter razões para não pagar um outro saque, ou o faltar a este pagamento, não é cessação de pagamentos, e

assim não pode considerar-se em fallimento. Sem em bargo da authoridade de Rognoua suspensão de pagamentos parece importar a sua cessação ou effeito, porque fazer ponto, vem a ter o mesmo resultado de cessar e como cessar é não continuar a suspensão de pagamentos importa fallencia.

Em outro artigo trataremos d'alguns pontos da nossa legislação, a este respeito, e apresentaremos algumas idéas, que a experiencia sobre esta materia nos tem ensinado.

C. H. de F.

PATE LITTERARIA.

A MULHER E O HOMEM.

I.

Começarei, diz Lavater, confessando, que minhas observações, sobre essa metade do genero humano, serão muito circumscriptas. Mui poucas vezes tenho seguido as mulheres, nas occasiões em que ellas podem ser estudadas e conhecidas; não as hei visto, nem nas grandes sociedades, nem no circulo da intriga, no theatro, no baile, e nem no jogo. Fugia d'ellas em minha mocidade e nunca fui amoroso.

Depois d'uma tal confissão de minha parte, alguém me dirá, talvez: « Fariéis melhor passar em silencio esse capitulo e incumbi-lo a um conhecedor. »

Vá feito: não se ganha sempre, cedendo-se um terreno.

Um outro, por mais habil que fosse, trataria da materia a meu gosto? a encararia elle, sobre o mesmo ponto de vista, e o pouco que eu diria, por elle seria dito exactamente?

Tremi muitas vezes, e tremo ainda, considerando até que ponto, a physionomia, póde comprometter as mulheres, e á quantos inconvenientes esta sciencia as póde expôr.

Desgraçadamente acontece á physionomia, o mesmo que á philosophia, á poesia, á medicina e á tudo que tem o nome de arte ou sciencia. A verdadeira philosophia conduz á religião, a semi-philosophia encaminha ao atheismo. Pode-se concluir d'isso, que as mulheres, terão muito a temer da pseudophysionomia...

Com tudo não desesperemos. Todos os conhecimentos humanos, teem seus periodos: devem ter um principio e progresso, antes de chegar á perfeição. E' pelas quedas, que aprendemos á andar; e o temor de cahir, fará com que nossos pés fiquem em inacção? Certissimamente que não. — Eis o que é positivo. O verdadeiro juizo physionomico, á respeito do sexo feminino, é um adorno da vida, e um preservativo efficaç contra a abjecção.

Digo, que é para o homem, um adorno da vida. — Adoçar a aspereza de nossos costumes, animar-nos e sustentar-nos nos momentos de fraqueza, calmar nosso espirito nos transportes mais violentos, reanimar a energia de nosso character, dissipar nossos desgostos e nosso mau humor, desterrar nossas tristezas, encantar nossos dias e espalhar flores nos caminhos mais espinhosos da vida; eis o que póde fazer uma mulher, com os atractivos de sua pessoa e com a nobreza de seus sentimentos. Sua presença, um brando aperto de sua mão, uma lagrima prestes á escapar de seus olhos, que mais é preciso para enternecer o homem, ainda o mais duro? Nada opera com mais efficacia em nossos corações e com mais doçura, do que o vivo e puro sentimento da eloquencia physionomica das mulheres; e não temo dizer, que esse sentimento, é um beneficio do creador; elle ajunta um interesse novo a tantos detalhes indifferentes, fatigantes e monotónos, que se succedem constantemente; adoça as amarguras, de que a carreira, ainda mesmo a mais feliz é semeada. Quantas vezes, acabrunhado sob o peso d'um trabalho fatigante, minha alma estava opprimida: quando meus olhos estavam inundados de lagrimas ardentes, e meu peito presa de agonia; quando, com o coração cheio de meus pensamentos, eu era inhumanamente regeitado por aquelles á quem tinha necessidade de os communicar; quando via minhas accções mais simples e honestas envenenadas pela calumnia, a sagrada expressão da verdade, aviltada e tachada de frenesi: n'esses momentos de ardor e de angustia, em que inutilmente procurava ao redor de mim um raio de consolação, meus olhos se abriam derepente, e eu era ferido de uma doce luz, que me recreava e vivificava. Era o sensivel e terno olhar d'uma mulher, de quem eu havia sufficientemente experimentado a firmeza e a coragem; era a modesta e pura physionomia d'uma mulher querida, que sabe ler no rosto de seu esposo, e distinguir no mais recondito de sua alma a menor de suas emoções, seus mais ligeiros soffrimentos; uma mulher, que está sempre prompta a mitigar suas penas, e que nesses instantes se aformoseava á meus olhos como um anjo, sem que ella seja dotada de nenhuma d'essas vantagens naturaes, que o vulgacho julga inseparavel da belleza.

Estudar o merito e as sublimes qualidades de um sexo, que tem tanto poder sobre nós, é o mais nobre uso, que podemos fazer do nosso sentimento physionomico.

Além disto, como já disse, esse sentimento é um preservativo contra a abjecção. Guiado por elle, vós apprendereis á conhecer e a fixar a linha de separação entre o espirito e os sentidos; acompanhareis a razão até ao ponto em que ella parece confundir-se com a sensibilidade; apar-

tareis o verdadeiro sentimento do falso, que não é mais que um brinco da imaginação; distinguireis o galanteio do amor; e o amor da amizade; respeitareis mais a innocencia das mulheres e a pureza de seus costumes; fugireis á essas impudentes, cujos olhares revoltam a modestia e a virtude. Segui vosso guia, e dareis as costas á mulher, que attrahir as homenagens da multidão; ficareis indignado do insolente orgulho de seu silencio, da affectação de sua linguagem pretenciosa e só cheia de banalidades, de seu olhar desdenhoso, que jámais se fita na miseria da humanidade; notareis seu nariz imperioso, seus labios relachados pela ineptia, decompostos pelo desprezo, tintos pela inveja, e meio rubros pela intriga e pela malignidade; encontrareis até na collocação de seus dentes, o ciúme, a avidez e a paixão de imperar; e todos esses traços, e outros, que nos não escapáram, serão vossa guarda, que tereis contra o engodo dos encantos, que ella ostenta sem corar. Segui vosso guia, e sentireis quanto seria humilhante deixar-se surpreender por uma physionomia, em que tendes desmascarado os vícios. Cito um unico exemplo entre mil.

Mas se d'outro lado, vós virdes a belleza em todo o seu brilho, em toda sua pureza; uma dessas mulheres candidas e sensiveis, que impressionam á primeira vista, e que exercem um imperio irresistivel em todos, que d'ellas se aproximam; se descobrires em sua testa avelludada, uma aptidão espantosa, em receber as instrucções do sabio; se aperceberdes em suas sobranceiras concertadas, mas não muito alongadas, um fundo inexgotavel de prudencia; no delicado contorno de seu nariz, a mais fino e apurado gosto; na brancura de seus dentes e na frescura de seus labios, o terno interesse, que dita a bondade; em cada movimento de sua bocca, a benevolencia e a doçura, a humildade e a compaixão; no som de sua voz, uma modestia nobre; se encontrardes em seus olhos meios baixos e brandamente moveis, uma alma, que parece chamar a vossa, se ella vos parece superior a todos os quadros e a todas as descripções; se vossos sentidos encantados se dilatam nas perfeições de seu bello corpo; e se essas perfeições, vos encadeam, como os raios d'um sol benefico, vosso sentimento physionomico, tão lisongeado, não se arisca á vos fascinar e vos perder?

« Se tua vista é simplês, todo teu corpo será esclarecido. » E o que é o sentimento physionomico, senão a simplicidade da vista? Não poderíamos estudar a alma separada do corpo, mas é pelo exterior que julgamos do interior, e quanto mais o espirito falla em nossos olhos, mais respeitamos o corpo, que lhe serve de involucre. O homem compenetrado d'um sentimento que emana da Divindade, poderia profanar o que

Deus sanctificou? profana-lo, quero dizer, magoá-lo, aviltá-lo, desfigurá-lo e destruí-lo? Se uma physionomia nobre e bella, não vos inspira respeito e um amor fundado sobre a virtude, o sentimento physionómico não é feito para vós, pois que elle é uma revelação do espirito. E' a guarda da castidade, reprime os desejos desregrados, eleva a alma, e communica essa elevação ás physionomias, que estão em correspondência com a vossa. A energia ordena o respeito; o sentimento do amor, mas um amor puro como o dos anjos!

Em geral, as mulheres são muito mais delicadas, mais ternas, mais sensiveis, mais passificas, mais de formar corações e de conduzi-los, que o homem.

A primeira materia de sua substancia parece mais mole, mais irritavel, e mais elastica, que a do homem.

Foram criadas para ser esposas e mãis. Todos os seus órgãos são delicados, flexiveis, faceis de excitar e de ferir, susceptiveis em todos os sentidos.

Entre mil mulheres conta-se apenas uma, que não tenha os caracteres distinctivos de seu sexo, a molleza das carnes, o arredondado dos musculos, e a irritabilidade do systema nervoso.

DR. MELLO MORAES.

AS FOLHAS DE UM ALBUM.

Introdução.

II.

Umdia em que as saudades da patria se me tornaram mais intensas, resolvi-me a dar um passeio sem destino certo. Sahi pois, amaldiçoando primeiramente as ordenações do reino, toda a manada dos praxistas, e uma ruma de autos, que me aguardavam com a sua poezia sublime,

Quando eu atravessava as ruas d'essa cidade, sem disgnio assentado, e que contemplava essas mós de povo que se cruzavam, iam, vinham, encontravam-se, alargavam-se, subiam e desciam como uma espiral magica, então as saudades da terra natal, aquella vivenda dos nossos campos, aquellas tradições da casa lavradora de meus paes, se apoderaram da minha alma, e lhe deram tratos crueis,

No revolver, no agitar, no confundir, d'estas reflexões, fui dar ao Passeio Publico. Entrei por aquellas ruas quase desertas, e a sombra d'aquellas arvores de vegetação tropical assustava-me como se foram espectros. Toda esta alegria insensata, e generosamente hypocrita, com que eu costume encobrir as amarguras da minha alma, tinham de

todo desaparecido; e a realidade, em toda a sua nudez, e com todos os seus sublimes terrores, ahi me tinha ficado, como a aguia a devorar a innocente pomba que empolgou.

Subi ao terraço, e espraiei os olhos por esse soberbo panorama, que além se estende. Aquella cordilheira de montes e serras sobre-postas, com os seus pincaros rendados, aquellas collinas, semelhantes a cobras gigantes, aquellas encostas d'onde se dependuram formosas habitações, e cujo branco parece ao longe como a pelle rajada da zebra selvagem, aquella cidade de Nieteroy, que semelhante a uma joven princeza, trajada de vestes nupciaes, lá se alevanta magestosa e radiando, — não para meter inveja á sua mãe e rainha, — mas para lhe fazer uma digna visinhança, e mostrar-se sua digna filha; aquellas ilhas tão pitorescas e viçosas, que assimilham-se ao longe a cisnes pretos cortando o lago do Eurotas; e aquelle pão-de-assucar, colosso de granito, que de aspecto severo e carrancudo, parece um velho guarda portão de um castello feudal. Aquella bahia filial do Botafogo, cujas ondas vam beijar os alicerces de formosos palacetes: esses navios que entram e sahem, parecendo, no seu navegar, com os voos das garças e das gaivotas: essa floresta de navios que entre a ilha das Cobras e esta cidade estão á espera de carregar as riquezas do paiz, para as ir permutar por quasi todo o mundo, e essa bahia, semelhante a um mar, e que tantas vezes confundimos com aquelle nosso querido e saudoso Tejo da saudosa Lisboa: todo este sublime espectáculo — que não tem rival no mundo — nos commoveu, nos estasiou e nos mergulhou n'este profundo abysmo de melancolia, a que sou tão propenso.

Quando eu pois, com os olhos cravados n'esta paisagem, que immortalisaria o pincel de Salvador Rosa, estava como absorto n'um extasi que não é commum, sentio sibilar de um suspiro que parecia ser arrancado de uma alma soffredora; olhei, e reparei então n'um individuo vestido de preto, que estava quasi encuberto na área de um dos pavilhões.

Aproximei-me e reconheci n'elle um patricio, e no patricio um amigo muito intimo e muito estimavel, que eu não via ha muitos dias. O desventurado tinha o rosto banhado de lagrimas, os olhos vermelhos de chorar e o coração arfando de dôr: era a figura de Santo Ivo, deprecando as suas magoas, como nó-lo representa o escopro de celebre artista italiano.

Quando lhe perguntei a causa de tamanha dôr, elle precipitou-se-me nos braços, escondeu a cabeça no meu seio; e n'uma explosão de choro e de pranto apenas pôde dizer — « *já não tenho pae!*... »

Houve alguns instantes de silencio, em que, nós assim grupados, deveríamos representar um quadro pungente: — era o coração proscripto e traspassado de dôres que se trasvasava n'outro coração amigo: — oh! a amizade, em taes casos, é a estrella da bonança, é a taboa do naufragio, que nos conduz á praia da salvação.

Depois de algum espaço o infeliz encostou-se a um dos maineis; e recolheu todas as forças da sua alma para mostrar-se superior á dôr; mas n'aquelle rosto afogueado de febres, n'aquellas lagrimas silenciosas, que se lhe dependuravam dos olhos, e se deslisavam pelas faces, bem mostrava a lucta de crueis mágoas, que se lhe debatiam n'aquella grande alma.

« Oh! nunca mais tornarei a ver o meu querido, o meu extremoso pae! nunca mais tornarei a beijar aquellas mãos, que tantas vezes me abençoaram, nem escutarei mais fallar aquella bocca de que manava a moral e os bons conselhos: — ai! meu Deus, meu Deus, levai-me tambem d'esta vida de tantas amarguras, porque a luz da esperança apagou-se-me n'este caminho de trevas. »

Estas e outras muitas deprecações soltava o meu patricio, e amigo na mais vehemente dôr, no mais intenso do seu pranto. Eu estava, diante d'elle, engulindo tambem, golo a golo, o calix da sua amargura, porque a alma generosa e franca, a alma apaixonada e religiosa d'aquelle mancebo era credora da minha antiga e nunca interrompida amizade: — amizade começada lá na terra da patria, e estreitada aqui na terra estrangeira.

Quando o desventurado cahiu desanimado e como aniquilado d'aquella explosão vehemente, ficou semelhante a uma d'essas estatuas da dôr, como ainda se veem nos tumulos das velhas e gothicas cathedraes da idade média. Na superficie do oceano estava a serenidade da bonança, e nas suas entranhas uma concussão medonha e assoladora. E com tudo quem presenciasse este quadro de tamanha amargura talvez se risse e escarnecesse d'aquella dôr sublime, porque o desventurado, que a curtia e soffria, era um ente sem posição social definida e imponente.

Até na apreciação da dôr ha estas diferenças sociaes, que angustiam, que espedaçam, que ani-

quilam as almas infelizes e apaixonadas. Comovemo-nos se a desgraça, por um singular acaso, foi bater á casa nobre do potentado da terra; e lastimamos e repetimos essa insignificancia, que foi distrahir, ou realçar as suas alegrias do dia anterior, e os gozos do dia de amanhã; mas olhamos com uma estúpida indifferença para o desventurado, que se retorce no abysmo da sua miseria, que conducta a vida com as lagrimas da dôr; e que, no seu horto de acerba agonia, não tem uma mão piedosa que lhe limpe o suor da fronte; para os infelizes da terra todo o interesse, e todos os respeitos: para os felizes toda a indifferença, todo o insulto barbaro e selvagem: — assim vae o mundo!...

Eu tenho para mim que a consolação é um balsamo salutar, que refrigera as ulceras da alma, se elle é convenientemente applicado. Assim como na cirurgia ha operações, cujo successo decide da vida ou da morte, assim nas doenças moraes deve attender-se particularmente aos meios de as acalmar, de as curar, de as cicatrizar. Temos, por exemplo, de amputar um membro do corpo para evitar a gangrena, e que se faz?... Dispõem-se os instrumentos, toma-se a faca amputatoria, comprime-se a arteria principal, arregaçam-se os tecidos, serra-se o osso, laqueam-se as arterias, limpa-se a ferida, e applica-se-lhe o curativo. Julgo que na cura radical de uma grande mágoa deve igualmente haver a sciencia e a consciencia de poder resolver a molestia, afim de que a morte não ataque a vida. Entendo que estas palavras banaes e estupidas com que dizemos ao que soffre *tenha paciencia*, com que dizemos ao que perdeu um parente querido *foi vontade de Deos*, é um verdadeiro insulto á nossa dôr, e uma blasphemia contra a divindade. Se é possivel rasguemos o nosso peito, como o pelicano, para com o nosso sangue socorrermos ao desgraçado; levemos o infeliz, que se retorce no meio do acerbo de suas mágoas, como o precito no meio da sua desesperação, a beber na fonte do evangelho as maximas salutaes da resignação e paciencia, que nos legou n'aquelle pergaminho augusto o Christo Filho de Deus; mas não lhe aggravemos o padecer acerbo e intimo de sua alma.

Entendem alguns que a distracção a uma verdadeira dôr é o remedio efficaz: — enganam-se. A dôr é como a materia bruta, gasta-se com a acção. Em vez pois de dar ao meu amigo essas consolações estupidas de *tenha paciencia* e quejandas, em

atear a sua dôr; — a luz que lança um grande claror de o distrahir da sua justa mágoa, comecei a não hade extinguir-se mais depressa. Fallei-lhe das virtudes de seu pai; e a dôr começou a serenar no coração d'aquelle orphão. Depois deixei-o fallar, dei logar a que elle se nutrisse de recordações pungentes, de saudades dolorosas, e entre outras muitas coisas, o desventurado desafogou da seguinte maneira.

« Já aquelle sancto velho de meu pae advinha e sentia a morte tão perto de si, quando eu tomei a resolução de vir para esta terra buscar trabalho e trabalhos. Sempre me hade lembrar, com a mais dolorosa saudade, o viver dos ultimos dias, que passei na sua companhia.

« Eu via que d'esta terra voltavam tantas fortunas — algumas d'ellas improvisadas — e deslumbrado pelo brilho falso d'esse ouropel; e devorado por aquella inquietação, que ataca os mancebos peninsulares, agitado por esse entusiasmo arabe e meridional, que nos fez heroes entre os heroes no grande livro dos povos: eu tomei a resolução de vir para este rico paiz: e esta resolução foi solemne e inabalavel. Communiquei-a á minha boa mãe — que são sempre as mães as madrinhas e as mediadoras entre as pretensões dos filhos e autoridade paterna. A minha tenção foi a principio reprehendida, depois foi dissuadida com maternas conselhos — que tanto me pèza não haver tomado e abraçado — e quando finalmente se reconheceu que esta minha determinação era inabalavel, a tristeza entrou em nossa casa e habitou entre nós: tudo era grave e solemne, tudo annunciava mágoas profundas no presente, e pungentes saudades para o futuro. Aquella satisfação domestica, que reinava até ali, fôra trocada pela amargura: — havia entre mim e meus paes uma luta de sublime paixões.

« Eu via aquelle desventurado Portugal retalhado pelos odios politicos, assolado pela ambições, açoitado pela colera divina; e a ver quando uma facção me vinha arrancar aos braços de meus queridos paes, para ir gastar a saude, e perder a vida n'esse matadouro nacional chamado exercito. Eu via fechados todos os horisontes, e nem ao menos a terra e o trabalho, que se cultivava com o suor do rosto já chegaria para matar a fome e cubrir a nudez: a terra tornava-se esteril, como safara e baldia era a alma dos que tem governado e tratado aquella preciosa terra, como se fôra um paiz conquistado. Foi com a consciencia d'este presente e com os receios do futuro, que se vão desgra-

çadamente realisando, que eu me deliberei vir para este paiz buscar trabalho, e recursos para saciar a minha alma ardente e apaixonada.

« Mas quando eu vi, quando presenciei a impressão profunda que esta minha resolução tinha feito no animo de meus paes, fiquei como a victimã, que diante do seu algoz, tem a escolher o ferro ou o veneno. Depois de crueis luctas, resolvidas na minha alma, tomei o veneno lento e consumidor da ausencia e da saudade: — oh! porque não approve a Deus o tirar-me a vida lá n'aquella terra de meus paes, aonde os meus ossos seriam consumidos junto dos seus, aonde eu teria uma pedra para encostar a cabeça, aonde eu teria lagrimas sinceras sobre o meu cadaver, aonde minhas dôres seriam comprehendidas por alguém? Não succedeu assim!... Seja feita a vontade de Deus!...

« Começaram-se os arranjos do meu enxoval de partida, como se talha e aprompta a mortalha para um filho muito querido. Dias antes da despedida fatal eu tinha-me ido despedir das nossas herdades e dos nossos campos; e meu querido o meu extremo e saudoso pae tinha ido na minha companhia: o honrado velho tinha esquecido o seu respeito, e tratava-me não como a filho, mas como a um irmão mais moço.

« Vaes finalmente partir, meu filho, me disse elle, vaes finalmente deixar a pobre casa de teus paes, o seu pão de senteio e a sua honesta pobreza, para, n'um paiz rico e fertil, ajuntares com que te proveres no inverno da vida. Deus sabe quanto me custa esta separação, mas é sina tua que tem de cumprir-se; e um pae não deve armar-se contra a resolução decidida e virtuosa de um filho, porque ella encerra quasi sempre a occulta vontade da Providencia. Parte e sê feliz como t'o pôde desejar um pae. »

« Estas palavras tão graves e solemnes, que emanavam dos labios de meu pae, como essas inspirações, essas prophcias dos antigos patriarchas, abalaram-me profundamente: nunca na minha vida tive uma sensação mais sobrenatural. Meu pae continuou.

« Deus sabe com que esmero, com que cuidados paternaes tenho tratado da tua educação, e, graças á providencia, as maximas evangelicas que com a minha rudez tenho semeado na tua alma, tenho-as visto prosperar: lembra-te sempre d'ellas, lebrate sempre do temor de Deus e dos homens; e nunca te esqueças que vale mais a fatia de pão negro, comida com honra, do que as me-

lhores iguarias temperadas de remorsos. Hasde soffrer muito desabrimento, hasde ser, as vezes, tratado como um escravo, hasde supportar emfim todas as privações e ensopares em lagrimas muitas horas; muitas noites da tua vida; e chegará occasião, ó meu querido filho, que até não possas chorar, porque as tuas lagrimas ou hão de ser escarnecidas, ou hão de prohibir-se que corram: nunca desanimes, nunca desespere: Deus compensa com a sua misericordia todos aquelles que supportam com paciencia as amarguras da vida: sê paciente. sê indulgente, como foi o filho de Deus. Nas horas duras do trabalho pede pelos teus superiores, como elle, pregado na cruz, pedia pelos que o crucificavam. Trata-os com honra e respeito, como se foram teus paes, desculpa os seus desabrimentos, o seu mau genio, os seus enfados e desenfadados: quando elles te virem permanecer resignado hão de acabar por te amar e te respeitarem como a mancebo virtuoso.

« Breves dias tenho a viver, ó meu querido filho! Sinto que a morte me aperta já nos seus braços mirrados e frios: e os pés tenho-os já na terra da sepultura. Deixa-me pois saciar á vontade a minha dôr, deixa-me desafogar em lagrimas estas maguas do velho, deixa-me abraçar-te, beijar-te, e enterrar no fundo do coração esses ultimos instantes, para que eu os aganise na derradeira hora da vida. »

« Com effeito aquelle extremoso pae, soluçando, chorando e soltando agudos suspiros, estreitava-me nos seus braços, cobria-me a fronte de beijos, e revia-me como se olha para o cadaver querido, que se vai legar a terra da sepultura. Disse-lhe eu então, que o amor filial, e os seus extremos paternaes, me dissuadiam de meus intentos, e que eu pretendia ficar.

« Agora não, filho me tornou elle, agora já é tarde essa tua resolução: deves e eu quero que partas. Em vez de te dar a miseria d'esta terra, desejo vas procurar fortuna n'um paiz onde se trabalha e onde se paga o trabalho. Além de que, havendo tu tomado essa resolução e não a levando ao cabo, todas as desgraças que te acontecessem havias carregar-m-as. Parte e sê feliz.

« N'estas e n'outras scenas de semelhantes natureza passamos o resto do tempo. O nosso comer era temperado com lagrimas, o nosso dormir era agitado de pezadillos. Chegou a hora da partida e parti.

« Quem sabe o que é deixar a terra da patria,

quem sabe o que é dar um adeus de despedida ás pessoas que nos são caras, quem sabe das luctas que se travam, que se encontram, que se apartam que tornam a estreitar-se, lá no fundo do coração, n'essas horas de sublime angustia, esses que comprehendem o que eu sofri n'essa hora de agonia.

« Este quadro tenho-o sempre diante dos olhos, e o terei sempre gravado no coração até a ultima hora de vida. Oh! avalie-se a perda de um pae tão querido como era o meu, e deixem que estas lagrimas de filho se derramem na terra estrangeira, já que não podem ir regar a sua sepultura lá na terra da patria. Possa já agora o desditoso orphão voltar lá um dia para beijar ao menos a pedra que o abriga no derradeiro somno.

REVISTA THEATRAL.

THEATRO LYRICO.

Com quanto uma das missões de nossa folha seja considerar o theatro, como o thermometro mais seguro de avaliar o gráo da publica civilisação, até hoje não temos encetado esse mandato do nosso programma, por que os nossos theatros estão ou n'uma phase de marasmocomo os dramaticos, ou n'uma epocha de transição, como o lyrico.

O quadro artistico deste theatro está soffrendo sensiveis alterações, e, até que elle se reconstrua e se organise, intendemos prudente não aventurar nosso juizo por que não podia ser elle seguro, em vista da oscillação que se está dando.

Como, porém, teremos de referir e apreciar a execução de uma ou outra opera, justo é que, muito em summa, aquilatemos a opinião que nos devem os principaes artistas cantantes d'este theatro: e o faremos senão com a consciencia e sciencia de apreciadores, ao menos com a impressão de amadores.

CHARTON. Graciosa, habil, engraçada, brilhante e quasi irreprehensivel no genero comico: os seus estudos de vocalisação estão feitos, e a sua execução satisfaz ao mais exigente apreciador.

Não nos parece que seja tão feliz, quando, no canto italiano, e nas operas de muita força dramatica ella pretende dar um maior volume á sua voz, e mais lato desenvolvimento à sua mimica. A Sra. Charton é essencialmente melodramatica, isto é, o meio termo entre o genero comico e o tragico. Tem conquistado uma solida opinião de distincta artista

entre os professores, e gosa de uma legitima sympathia para com os apreciadores. Com a sua retirada dixerá um vacuo, que tão cedo, e muito difficilmente, se tornará a preencher.

LAGRUA. Brilhante e encantadora figura dramatica, posto que exagerada e incorrecta na sua mimica. A sua voz é volumosa, de um timbre impressionador, mas caprichosa e ainda indomita aos preceitos da arte. O talento manifesta-se-lhe na voz e no gesto em toda a sua seiva de um periodo ascendente. O seu todo de artista é impressionavel e fascinador ao coração dos amadores; mas o merito intrinseco da sua voz e de seus estudos está ainda longe de satisfazer á intelligencia dos professores.

Se nos fosse licito uma comparação diríamos que a Sra. Charton é um jardim á Luiz XIV, geometricamente recortado, e matizado de rescendentes flores, rivalizando a arte com a natureza, a Sra. La Grua é uma das nossas florestas, em que a magestade da natureza, sem o auxilio da arte, nos impressiona e arrebatá com a côr purpurea das parisitas, com o verde cambiente dos festões, com o sombrio poetico da folhagem, e com o murmurio do regato, e o silencio eloquente que adeja na solidão.

BOUCNÉ. Magnifico artista e grande intelligencia musical. A sua voz é extensa, volumosa, sympathica e impressionadora, especialmente nas operas de Verdi. Parece-nos que este artista está na melhor quadra da sua carreira, que está no ponto a que attingem os grandes artistas, e n'ella se conservam, ou declinam, segundo os recursos physiologicos da sua voz.

WALTER. Artista de muita experiencia, sol que já declina, mas ainda brilhante e impressionador no seu ocase. Voz sympathica, melodiosa, suave, mas resentindo-se, como se resente o instrumento, que tem uma corda fallhada, ou a flauta com uma pequena fenda.

GENTILI. Voz que foi d'uma immensa belleza, mas já na ultima hora do seu ocase. N'esse esvacecer-se, porém, da ultima luz ha ainda magestade. Figura antidramatica.

Tal é a rapida e succinta opinião que temos, e que expomos a respeito dos principaes artistas do theatro lyrico.

Não é uma opinião estudada e assentada, por que para isso teríamos de tomar informações das pessoas competentes, é uma opinião de impressão,

que não se acha hypotecada a nenhuma das opiniões militantes e exclusivas, que se agitam nas plateas, e tambem nos camarotes.

De futuro, e logo que se organise o quadro dos artistas buscaremos estudá-lo, e com franqueza emittiremos nossa opinião. E' porém nosso voto que as columnas da *Semana* recebam algumas opiniões e considerações á cerca dos artistas, ou dos espectaculos, logo que sejam escritas com gravidade, e não nos responsabilizando nós pela sua materia, tanto no fundo como na forma.

Cumprindo desde já um tal voto damos logar a um artigo que nos foi offerecido e cujo assumpto diz respeito especialmente á Sra. *La Grua*.

MADEMOISELLE LA GRUA.

O nosso juizo firmado sobre seis operas diferentes, onde esta artista tem executado todo o genero de canto, pode hoje ser emittido, com calma, sem espirito de partido, e fora da lisonja, ou de sermão de encommenda: —já estamos alem das impressões de momento.

Emmy La Grua, é um *mezzo soprano* de muito volume, e bastante extensão, possuindo livremente *respiração*, e *aspiração*: seu genero de canto é o dramatico propriamente dito; sua voz é d'aquellas que requerem campo vasto para poderem brilhar; é lá que seu talento tem achado largas para desenvolver-se, é lá que a par das emoções mudas, e estaticas, temos ouvido essas *arias* de bravura, esses grandes *largos*, e esses *finas* modelos, e as *cadenzas* de tanto gosto; onde na influencia do canto tem chegado a *dó sustenido*, e *ré*.

A voz d'esta artista presta-se de preferencia pelo timbre ao genero de Verdi; ao passo que pecca toda a vez que procura cantar em accordes que não lhe são adaptados.

Temo-la visto, algumas vezes, reprimir a voz para modula-la ao gosto de Bellini; mas temos tido o desprazer de apenas devisar o talento a querer forçar o natural.

Mlle. La Grua, deve desenganar-se, que os artistas não podem cantar todas as operas, nem desempenhar, musicalmente fallando, todo o genero de canto, inda mesmo quando se está collocada acima do vulgar.

Como actriz, temo-la admirado muitas vezes; e julgamo-la, depois da Stoltz, a melhor coisa que temos visto na scena lyrica. Tem lances verdadeiramente tragicos, tem mesmo por diferentes vezes tirado partido de pequenas coisas; chega ao pathe-

lico, e ao sublime, e desce até á scena familiar, com habilidade pouco commum: porem, como em todas as coisas não ha perfectibilidade, vemos que, Mlle. La Grua, nos grandes lances dramaticos pecca uma ou outra vez pelo demasiado colorido das imagens, e algumas vezes, pela impropriedade das formas.

Estas scenas, toleram-se, agradam, e arrebatam mesmo, porque vê-se, que é o talento a transpor as regras naturaes, como um rio, que sobrepujando o leito pela força do curso das aguas transborda e vai alem dos limites; mas nem por isso deixa de ser uma exaggeração, que o genio e o talento de Mlle. La Grua nunca devia esquecer.

Sabemos que a arte é a natureza; tambem sabemos que as scenas interpretadas por uns d'uma maneira, podem se-lo por outros comprehendidas segundo a maior ou menor phleuma do genio.

Mas esta circumstancia não aproveita ao artista, porque no estremar as excepções, segundo a exigencia das quadras, é que nós julgamos ver o genio da artista. Não é possivel marcar limites á intelligencia alheia, nem sustentar os voos do genio; mas pode-se dizer á artista: procurai a naturalidade dos quadros, e não os augmenteis; porque mais adiante está o escolho do ridiculo; não vos rebaixeis, porem, até á monotonia porque lá está — o tedio. Procurai o justo meio em todas as scenas, e mostrareis ainda, que, alem do vosso talento, tendes a vantagem da moderação.

Desejavamos tambem que Mlle. La Grua desse menos importancia ás galas, e mais exactidão aos costumes: que houvesse menos desdem em compor continuamente os vestidos para jogar uma scena, tirando-lhe o effeito pelo desagradavel d'estas coisas pequenas, que devião estar longe de uma artista da sua ordem.

N'estes ultimos tempos, Mlle. La Grua tem-se resentido (julgamos que por encommoada) na voz; as nottas medias sahem ainda espontaneamente; mas sem o mesmo brilho d'outra hora. Entretanto, achando-se na aureola de sua inda tão curta carreira, é-lhe facil agradar sempre, cingindo-se ao que póde; e deve cantar; e representando com mais naturalidade.

Tal é a opinião de um seu admirador, que, com estas observações tem em vista incita-la a attender mais seriamente á difficil e gloriosa carreira, que encetou e trilha debaixo dos mais gloriosos auspícios.

PARTE NOTICIOSA.

Inoculação da febre amarela.

O doutor Humboldt, sobrinho do sabio e distincto naturalista do mesmo nome, estabeleceu ultimamente na Havana um hospital com o fim de se experimentar n'elle a theoria da inoculação da febre amarela, segundo o principio da vaccina das bexigas. A inoculação causa alguns accessos febris, e um certo incommodo, que dura uma semana.

O Medo é molestia.

Conta o jornal de Francfort que um medico de Vienna fizera uma interessante experiencia afim de indagar qual era a influencia que o simples reccio de uma molestia contagiosa póde ter n'um individuo, em perfeita saude. Depois de ter alcançado a auctorisação da competente authoridade, o medico prometteu a um preso robusto e gosando de boa saude que lhe seria perdoado o resto da pena que soffria se consentisse em deitar-se n'uma cama onde morrera um cholerico. Se por ventura viesse a adoecer seria tractado com o maior esmero não se faltando com coisa alguma.

O preso depois de hesitar por algum tempo, consentiu em sujeitar-se á experiencia. Ao cabo de algumas horas manifestaram-se todos os symptomas do cholera e o preso teve um ataque formal. Foi tractado com o maior disvello e em pouco se restabeleceu, graças sobre tudo á sua vigorosa constituição.

Porém grande foi a admiração geral, quando se soube que n'aquella cama não morrera nem estivera nenhum cholerico; assim tinha o medico feito acreditar ao preso para observar a influencia da imaginação e do temor sobre o organismo.

Estatística dos Jornaes americanos.

Publicam-se actualmente nos Estados-Unidos dois mil quinheiros e vinte jornaes. Só nos estados da Nova York se publicam quatrocentos e vinte oito; trezentos e dez na Pensylvania; duzentos e sessenta e um em Ohio, etc.

Destes jornaes extraem-se por n. 5,183.017; e o numero de folhas de todos estes jornaes sobe por anno a 426:409:978.

Na cidade de Nova-York passam de 120 os jornaes e publicações periodicas, que saem á luz, o

que dá n'um anno nada menos de 80 milhões de folhas de papel. Ora aquella cidade não tem mais de 850:000 habitantes; e Londres que tem quasi o triplo desta população, conta apenas 94 publicações periodicas, com que se distribuem por anno 53 milhões de folhas de papel. E em todo o reino unido existem sómente 516 publicações periodicas que fazem circular por anno 90 milhões de folhas de papel.

Em Paris os jornaes politicos estão presentemente reduzidos a 30; e dos jornaes e revistas não politicas tanto em francez como em diversas linguas contam-se 426.

VARIEDADES.

Fraquezas de homens célebres.

Por mais alto que o nascimento, a intelligencia, ou a coragem elevem um individuo, sempre por algum lado tem de pagar tributo á fraqueza humana, e entre as immensas provas d'esta verdade, escolheremos algumas, que nos parecem mais curiosas.

Henrique III de França não podia estar só em um quarto, onde tambem estivesse um gato. — O duque de Epemon desmaiava quando via um galgo. — O marechal de Albret adoezia quando em qualquer jantar se lhe apresentava um leitão. — Ladislão, rei de Polonia, perturbava-se e fugia, todas as vezes que via maçãs. — Erasmo não sentia o cheiro de peixe sem ser immediatamente atacado de febre. — Scaligero tremia-lhe todo o corpo em vendo agriões. — Tycho-Brahé, o famoso astronomo, perdia as forças, e as pernas lhe vergavam debaixo do corpo, quando encontrava uma lebre, ou uma raposa. — Bacon desfalecia todas as vezes que havia um eclipse de lua. — Bayle tinha convulsões, quando ouvia o susurro que faz a agua correndo. — Lamoth-le Vayer não podia soffrer o som de instrumento algum, e sentia vivo prazer com o estrondo de um trovão. — Um inglez, cujo nome nos não lembra, perdia os sentidos, quando lia o capitulo cincoenta e trez de Esaías.

O gosto do trabalho.

Eu morava fóra das portas de Paris, e todas as manhãs quando vinha para a cidade encontrava junto á barreira um mendigo, que com sua voz lastimosa me gritava sempre: « Esmola ao pobre Antonio, meu querido senhor » e sempre uma

moeda de dois soldos era a minha resposta a esta invocação.

Um dia que eu pagava o meu costumado tributo a Antonio, succedeu passar um sujeito magro e baixo, decentemente vestido: « Esmola ao pobre Antonio, meu querido senhor, lhe gritou o mendigo. O nosso homem pára, e depois de ter por alguns momentos examinado a figura de Antonio, lhe diz: « Pareccis-me intelligente, e sois robusto e proprio para o trabalho: para que fazeis por tanto tão desprezível mister? Quero litar-vos d'esta triste situação, e dar-vos um conto de réis de rendimento. » Antonio largou a rir, e eu não pude deixar de o acompanhar na sua gargalhada. » Ride quanto quizerdes, replicou o homem pequeno; mas segui o meu conselho, e conseguireis o que vos prometto. Ouvi. Eu fui tão pobre como vós; porém em vez de me pôr a mendigar, arranjei uma alcova velha, e comecei a correr as ruas da cidade, e as villas e aldêas visinhas, pedindo, não esmola, mas papeis, e trapos velhos que me davam de graça, e que eu ia vender a dois vintens o arratel aos fabricantes de papel. Uns dias era a colheita maior, e outros menor; mas como eu vivia parcamente, e guardava com cuidado as pequenas sobras que uns dias por outros me ficavam, no fim do anno achei-me com um capital de vinte francos (3:200 reis) em vez de pedir comecei então a comprar ás costureiras e aprendizes de alfaiate os retalhos de panno, que aliás deitariam fóra, e que a troco de tres ou quatro soldos me ajuntavam para o fim da semana. A minha especulação prosperou de modo, que no fim do segundo anno ja eu tinha um burrinho para continuar em ponto maior o meu commercio.

Seis annos depois possuía vinte mil francos, e cazei com a filha de um fabricante de papel, com quem fiz sociedade. A nossa fabrica na verdade era a principio em ponto bem pequeno; porém eu era ainda rapaz, poupado, activo, e amigo do trabalho.... que mais preciso dizer? Hoje possuo alguns milhares de francos de renda, com que posso levar a minha velhice descansada. Cazei minha filha com um mancebo honrado, e amigo do trabalho, cedi-lhes a minha fabrica, e ja elles começam tambem a fazer fortuna. Por tanto, meu amigo, fazei como eu, e achar-vos-hei, como eu me achei. »

Dito isto o nosso homem continuou seu caminho deixando Antonio de tal modo preocupado, que duas ou trez madamas passaram com os seus cavalheiros, sem que se ouvisse o usual: « Esmola ao pobre Antonio, meus queridos senhores. »

Em 1815, quando eu estava emigrado na Bélgica, entrei um dia em casa de um livreiro, para comprar uma obra nova que se havia annuciado. Um gordo, e avermelhado senhor estava assentado a sua carteira, e dava ordens a trez ou quatro caixeiros, que trabalhavam. Encarámos um ao outro como pessoas que se lembram de se terem visto em alguma parte, sem se poderem recordar aonde. « O senhor, me perguntou enfim o livreiro, haverá vinte e cinco annos, não passava todas as manhãs na barreira de S. Martin para Pariz? — Pois que! Sois vós Antonio? exclamei eu na maior admiração. — E' verdade. Aquelle sujeito baixinho

e magro tinha razão: elle com effeito me deu um conto de reis de rendimento. »

Causas da coloração dos mares.

Pelas observações do Sr. Ehrenberg, e pelas mais recentes ainda dos Srs. Evenor Dupont e Montagne, verificou-se que as aguas do mar Roxo ou Vermelho se apresentam, em certas epochas do anno, córadas de vermelho por effeito do desenvolvimento, em quantidade prodigiosa, de algas microscopicas pertencentes a uma especie, que o primeiro d'estes sabios descreveu sob a denominação de *Trichodesmium erythraeum*,

Estas observações, para assim dizer, explicam-nos a coloração accidental das aguas do mar.

O Sr. Mollien observou o anno passado (1854) que o mar da China apresentava em mui grande extensão as côres vermelha e amarella; e que este phenomeno se apresentava, não em continuidade, mas como em grandes manchas, separadas umas das outras por intervallos transparentes.

A côr vermelha predomina n'aquella parte do mar que mais propriamente se chama mar da china (Han-Hai), na que banha as costas da parte meridional da China áquem da ilha Formosa; em quanto que a côr amarella predomina ao norte da ilha, na parte que se conhece sob o nome de mar Amarello (Hong-Hai). A causa d'este phenomeno era desconhecida.

O Sr. Mollien trouxe para França uma porção de agua corada, que havia recolhido n'um ponto em que o mar estava vermelho, durante o mez de setembro de 1854. Esta agua depuzera um sedimento de côr pardacenta que o Sr. Daraste submetteu á observação microscopica, reconhecendo, depois do mais escrupuloso exame, que esse sedimento não continha particulas terreaes, e que era formado unicamente pela aggregação de pequenas algas, quasi microscopicas, e mais ou menos alteradas, mas não tanto que o auctor as não pudesse reconhecer, e certificar que pertenciam á mesma especie que Ehrenberg descobrira no mar Vermelho. O Sr. Montagne, auctoridade do maior peso no ponto sujeito, confirmou a opinião indicada. Este ultimo recebeu, ha annos, exemplares da mesma alga, que lhe foram enviados de Ceylão pelo Sr. Thwaites.

Assim pois o *trichodesmium erythraeum* encontra-se em quasi toda a extensão do mar do sul da Africa até á China; e esta pequena planta microscopica é uma das que occupam mais larga superficie no globo.

Tal é evidentemente a causa da côr vermelha acima mencionada. Será ella igualmente a causa da côr amarella que apresentam as aguas, sobretudo ao norte da ilha Formosa? É possivel que assim seja, attenta a variabilidade de côr das algas. Entretanto não podemos ainda, por meio de observações directas e irrecusaveis, decidir esta questão interessante.

ROMANCE DO JÃO

Nasci no rico Oriente;
Criei-me entre as verdas palmas,
Para amor:
Amor me poz no Occidente;
Fez-me da alma duas almas,
Para a dôr.

Ai dôr! pois heis-de a Java,
Estrellas, e vosso rumo
De la vem,
Dizei-lhe qual me eu consumo;
Dizei-me, se lhe eu lembrava
La tambem!

Tambem vós, ondas, e ventos,
Pois sabeis a minha terra,
La chegae;
Não lhe conteis meus tormentos,
Mas o amor, que me desterra,
Lhe conta.

Conta-lhe que prezo vivo;
Mas que eu mesmo aperto, e bejo
Meus grilhões;
Nem livres, nem reis invejo,
Pois o captivo é captivo
De Camões.

Camões, grande Allah te acuda;
Que bem vês, que o teu bom Christo
Morto é ja!
Grande Allah! tu só o escuda!
Dá-lhe patria! arranca-o d'isto,
Grande Allah!

Allah poz arvore em Java,
Que a florida sombra d'ella
Faz morrer;
Cá, vi peor mancinella;
Pois vi, que mil mortes dava
O Saber.

Saber, esforço, e virtude,
Bastam em terra madrastra
Para mal;
Bem como, porque se mude
O incenso em cinsas, lhe basta
O ser tal.

Tal patria, não quer afferro;
Antes chorál-a na gruta
De Macáo!
Antes na Arabia mais bruta
Curtir miseria e desterro...
Co'o teu Jáo!

Pelo Sr. A. F. DE CASTILHO.